Revista COOPEX (ISSN:2177-5052)

A escola e os desafios da educação inclusiva

The school and the challenges of inclusive education

Paulo Roberto dos Santos Oliveira

RESUMO: Nos últimos anos e em quase todos os setores da sociedade a Educação Inclusiva vem sendo pauta de grandes discussões. Durante muito tempo, as pessoas com deficiência de qualquer natureza eram excluídas não só pelo seu grupo social, mas também pela a própria escola, estas pessoas eram consideradas improdutivas e inaptas sendo obrigadas a viver em instituições de cunho filantrópico ou religioso, perpassando toda a sua vida sem receber atendimento adequado nem tampouco tinham acesso às escolas. Diante disso, muitos foram privados do seu direito a educação e a socialização, não conseguindo avançar como cidadão capaz de opinar e ou mudar seu espaço social. Nesse sentido, o presente trabalho, resultado de uma pesquisa bibliográfica com base no tema A Escola e os desafios da Educação Inclusiva , busca refletir sobre o papel da Escola no processo da educação inclusiva, sobretudo, o novo modelo de educação com foco na aprendizagem, respeitando e valorizando as diferenças, despertando para a luta contra a exclusão e as barreiras do preconceito impostas pela sociedade. Apresentando respaldo teórico em Montoan (1997), Demo (1997), Freire (2000), Piaget (2007), Blanco (2003), dentre outros. Portanto, a presente pesquisa visa destacar a importância da Inclusão Escolar no desenvolvimento integral dos indivíduos contribuindo para sua formação como sujeito capaz de ultrapassar suas próprias limitações.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Inclusão Escolar; Professor; Aluno.

ABSTRACT: In recent years and in almost all sectors of society, Inclusive Education has been the subject of great discussions. For a long time, people with disabilities of any nature were excluded not only by their social group, but also by the school itself, these people were considered unproductive and unfit and were forced to live in institutions of a philanthropic or religious nature, permeating their entire lives. life without receiving adequate care, nor did they have access to schools. In view of this, many were deprived of their right to education and socialization, failing to advance as citizens capable of expressing their opinions and/or changing their social space. In this sense, the present work, the result of a bibliographical research based on the theme The School and the challenges of Inclusive Education, seeks to reflect on the role of the School in the process of inclusive education, above all, the new model of education focused on learning, respecting and valuing differences, waking up to the fight against exclusion and prejudice barriers imposed by society. Introducing theoretical support in Montoan (1997), Demo (1997), Freire (2000), Piaget (2007), Blanco (2003), among others. Therefore, this research aims to highlight the importance of School Inclusion in the integral development of individuals, contributing to their formation as subjects capable of overcoming their own limitations.

KEYWORDS: School; School inclusion; Teacher; Student.

Prof. UNIFIP – Patos – PB E-mail: paullo-pb@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto instituição majoritária do ensino/aprendizagem tem sido confrontada com o desafio de tornar-se uma escola verdadeiramente inclusiva. Refletir sobre o papel sócio educativo da escola nos remete a muitas discussões, a primeira indagação que se tem é por que a escola ainda utiliza práticas segregacionistas baseadas numa educação bancária e tradicional? A resposta para esse questionamento vai muito além da manutenção de um currículo feito com intuito apenas para integrar, sua reposta atravessa a ideologia da escola voltada para o professor como o único detentor do saber e a autoridade máxima em sala de aula.

Não há lugar ou grupo social no qual todas as pessoas sejam ou hajam da mesma maneira, ou tenham as mesmas convicções, ou ainda que aprendam da mesma forma e no mesmo tempo, cada individuo é dotado de múltiplas características e de inúmeras peculiaridades, por essa razão, a escola do presente precisa respeitar essas condições e se adaptar ao novo modelo de educação, com suas raízes fincadas na universalização do saber, mas também como influenciadora da liberdade, da autonomia e da criticidade dos seus educandos.

Estar inserido na escola não significa estar incluso nela, só faz sentido estar em um grupo se você puder estar em sua totalidade e ou inteireza. Com seu modo de agir e pensar sobre o mundo sendo respeitado. Inclusão escolar, portanto, não significa homogeneizar, muito menos verticalizar o ensino e a aprendizagem, mas, ao contrário, é abrir espaço para a expressão das diferenças, do vasto conhecimento de mundo e das trocas mútuas de vivências. Incluir vai além da aceitação das deficiências e das singularidades dos alunos, incluir é dar suporte para que os alunos sintam-se pertencentes ao contexto escolar, amparados pelos seus direitos, deveres e obrigações.

A educação e a inclusão deveriam ser partes do mesmo todo. Essa ligação tornaria o processo educativo mais eficaz e mais duradouro, porém, a inclusão escolar ainda anda a passos lentos, logo, a educação não é ofertada e nem abrange a todos como deveria, matricular e não primar pela permanência é uma atitude arbitrária e em nada enriquece o processo escolar. A união de todas as instâncias da sociedade na luta pela inclusão e pela quebra de preconceitos é uma tarefa gradativa porem indispensável aos dias atuais, afinal, a escola se transforma quando o ensino é posto a serviço do aluno, convertendo à hierarquização do sistema autoritário em um sistema direcionado a quem aprende. Uma escola de qualidade precisa reavaliar sua função

inclusiva, social e política, desconstruindo concepções totalitárias e preparando seus alunos para a plena participação na vida social.

O PROCESSO EDUCACIONAL NO ATENDIMENTO AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS

O Processo Educacional atravessa momentos de restruturação epistemológica, idealizado pelo movimento da Educação Inclusiva. Este movimento é um produto das transformações sociais e do público cada vez mais plural que a escola tende a receber. A matrícula dos alunos com necessidades educacionais especiais nas classes regulares de ensino tornou-se obrigatória, o que oportunizou o direito e acesso a escola, embora muitos obstáculos ainda precisem ser ultrapassados.

Contextualizar a inclusão é sempre uma abordagem muito desafiadora, mas para entender melhor a inclusão escolar e seus aspectos metodológicos, que causam por vezes preocupação não só em educadores, mas também na família e para esclarecer algumas polêmicas acerca desse tema, é importante voltar um pouco no tempo e refletir o processo histórico da pessoa com deficiência e perpassar pela educação especial até chegar ao movimento da Educação Inclusiva.

Segundo Blanco (2003, p. 72) o tratamento dado às pessoas com deficiência pode ser compreendido em quatro fases:

> A primeira delas corresponde ao período anterior ao século XIX, chamada de "fase da exclusão", na qual a maioria das pessoas com deficiência e outras condições excepcionais era tida como indigna da educação escolar. Nas sociedades antigas era normal o infanticídio, quando se observavam anormalidades nas crianças. Durante a Idade Média a Igreja condenou tais atos, mas por outro lado, acalentou a idéia de atribuir a causas sobrenaturais as anormalidades de que padeciam as pessoas, explicando-as como punição, em decorrência de pecados cometidos. Assim, as crianças que nasciam com alguma deficiência eram escondidas ou sacrificadas.

Os padrões que eram aceitos pela sociedade foram influenciados pela Igreja. Aqueles que não se enquadrassem nesses padrões eram punidos e ou condenados. Nesse período, crianças com alguma deficiência eram frutos de pecados praticados e teriam de ser escondidas ou sacrificadas como forma de "normalizar" a família e amenizar uma falsa culpa. Depois desse período de lutas e controvérsias, surge uma pedagogia especializada e institucionalizada, que segregava indivíduos de acordo com suas deficiências físicas e intelectuais.

A escola que se mostrava despreparada para receber os alunos com necessidades educacionais especiais, precisou, precisa e precisará reestruturar suas metodologias a fim de conseguir atender a esse público, é perceptível que o governo ainda deixa a desejar quando a matéria é educação, e uma escola para ser realmente inclusiva requer suporte de todas as instâncias da sociedade, esse é um dos grandes desafios que a educação inclusiva também enfrenta.

Além da contribuição da sociedade e também da escola, o professor, como figura essencial do processo educacional, precisa ter um olhar e uma prática pedagógica que encaminhe o aluno com deficiência a alcançar níveis de aprendizagens mais efetivos, sabe-se que o professor é o mediador não só do sucesso do aluno, mas também do seu insucesso. Uma prática alicerçada na inclusão é aspecto determinante no desenvolvimento de capacidades e ou habilidades, mesmo que para muitos essa tarefa seja uma tarefa vã. "Mas em sala de aula, muitas barreiras podem ser enfrentadas e superadas graças à criatividade e à vontade do professor que se percebe como profissional da aprendizagem em vez de ser o tradicional profissional do ensino" (DEMO, 1997, p.62).

Nessa perspectiva, o professor é a peça-chave para enfrentar as dificuldades e as limitações, que muitas vezes são construídas indevidamente, por conceitos agressivos e inverídicos, onde caracteriza o aluno com deficiência, como um sujeito inválido, desprovido de inteligência e incapaz de realizar qualquer ação, crenças dessa natureza são lançadas a todo instante, por profissionais da educação e pela sociedade em geral, permanecendo enraizados nos alunos com deficiência durante muito tempo. Entretanto, o professor como um promotor de sucessos precisa reconhecer a capacidade do aluno, e deixar de lado o discurso corrente de não possuir destreza com os alunos com deficiência.

Como afirma Kupfer (2000, p.61):

> É preciso que se deixe de lado o mito de que os professores devem ser especializados para que venham a atender melhor as crianças com dificuldades especiais. Isso acaba por gerar uma "exclusão" do professor que nunca se vê capaz de exercer seu trabalho e impossibilitado de ocupar seu lugar de educador.

Assim, o trabalho do professor não deve está sustentado na ideia de que a educação das pessoas com deficiência, só acontecerá se este dispuser do conhecimento dos diferentes tipos de deficiência. Porém, isso não elimina a necessidade do professor ter algumas estratégias específicas e metodológicas, para ampliar seu trabalho e construir mais respeito à diversidade como também buscar auxílio quando necessário de profissionais especializados para assistir

verdadeiramente as pessoas com deficiência. Sobretudo, o empenho do educador na aplicação dos conteúdos e na forma como media-los é de grande importância para o processo ensino/aprendizagem, processo este, que demanda um posicionamento que não atropele e ou esconda os reais problemas existentes em sala de aula, mas, que encontre soluções ou meios para amenizá-los.

Diante dos casos de deficiências, os educadores, numa visão inclusiva, devem desenvolver-se com um espírito mais humanístico e afetivo, percebendo seus alunos com dificuldades de aprendizagem como agentes capazes de avançar em seu próprio tempo, estabelecendo formas mais criativas e dinâmicas de atuação, propiciando um atendimento integrado comum do ensino regular e, quando necessário buscar o apoio de especialistas.

Conforme Carvalho (2003, p. 61) aponta:

> Em síntese, há que examinar todas as variáveis do processo educativo escolar, envolvendo as pessoas da escola (educadores, gestores, alunos, apoio administrativo); o ambiente físico (em termos de acessibilidade), os recursos financeiros e materiais (origens, quantidades, periodicidade de recebimento, manutenção de equipamentos e instalações), os graus de participação da família e da comunidade (parcerias), a filosofia de educação adotada (se tradicional ou não), o projeto político pedagógico construído pela comunidade escolar (natureza do documento, autores, destinação), a prática pedagógica (se mais centrada no ensino ou na aprendizagem), os procedimentos de avaliação (formativa, somativa, formal, informal), dentre outros aspectos.

O aprofundamento das pessoas envolvidas no processo da inclusão escolar é sem dúvidas, ponto crucial, frente àqueles que precisam de atenção, cuidados e, contudo aprender. Nota-se que o ser humano é por natureza um ser único e que apresenta potencialidades diferentes, sua aprendizagem acontece em tempos diferentes, assim, a escola precisa exercer seu papel de educar e estimuladora do aluno para ultrapassar as barreiras do preconceito, tornando-se um espaço acolhedor que acredita no seu potencial e respeita verdadeiramente suas individualidades, como também aprimorar seus espaços físicos como forma de torná-los acessíveis e melhor estruturados atendendo as várias necessidades.

Para Piaget (2007, p.50):

> Uma ligação estreita e continuada entre professores e pais leva, pois, muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades [...].

A participação da família no processo educacional dos filhos é sempre importante. Na hipótese de filhos com deficiência, o apoio da família é ainda mais valoroso. Isso porque a família é o primeiro contato social que os filhos têm. Então, o espirito de confiança e a parcela de educação estão sempre alinhados a família. Os pais precisam está atentos e perceberem se seus filhos estão recebendo a atenção necessária da escola, e se a escola esta se adequando para atender cada vez melhor o aluno com deficiência. É necessário também que os pais percebam que a educação é parte conjunta entre família e escola e, que sem uma dessas partes a educação não acontece.

A deficiência não pode ser encarada como uma característica de estagnação, de improdutividade, pessoas com ou sem deficiência, podem e devem atuar no seu contexto escolar e de vida; a escola precisa rever sua política inclusiva e mostrar-se como denunciadora da realidade que exclui, almejando condições construtivistas e possíveis para com aqueles esquecidos e forçados a permanecerem à margem da sociedade. É perceptível que sonhos são destruídos pela exclusão, por isso, é indispensável que toda instituição de ensino além de aceitar a diversidade prime pelo sucesso do aluno como cidadão pertencente à esfera social.

DIVERGÊNCIA TEÓRICO METODOLÓGICA ENTRE INTEGRAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR

A diferenciação entre integração e inclusão escolar faz-se importante para que o processo educacional esteja alinhado às múltiplas necessidades dos alunos e abandone modelos e métodos da ainda existente educação tradicional, que por sua vez, ao invés de incluir põe as margens do processo educativo os alunos com deficiência.

> Tanto no discurso geral como no discurso da escola, a integração das populações diferentes e das crianças deficientes é ponto pacífico. Se em ambos os discursos reconhece-se que esta integração na sociedade dos adultos ou na das crianças nem sempre é plenamente realizada, a integração daqueles que são diferentes dos outros é considerada em todos os casos como uma finalidade a atingir. VAYER(1989, p. 61).

A discussão sobre integração e inclusão escolar desemboca muitas críticas, desafiando professores e outros profissionais da ciência que atuam no atendimento às pessoas com deficiência. A luta pela a inclusão escolar requer que pais e toda a comunidade estejam engajados para que o processo de ensino/aprendizagem ultrapasse os muros da escola para se perpetuar na sociedade. Os educadores do ensino regular precisam está aptos para lidar com as

diferenças nas salas de aula, particularmente atender os alunos com deficiência de forma afetuosa e inclusiva.

Integração e Inclusão, apesar de terem significados parecidos, são termos utilizados para designar situações de inserção distintas e se justifica em tendências teórico-metodológicas contrárias. O processo de integração escolar tem sido compreendido de várias maneiras (SHAYWITZ e SHAYWITZ, 2023) . A utilização do vocábulo "integração" relaciona-se mais especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, mas seu uso dá-se também para designar alunos alocados em escolas especiais para pessoas com deficiência, ou mesmo em turmas especiais, grupos de lazer ou asilos para deficientes.

Em 1969, nos Países Nórdicos, surgiram movimentos em favor da integração de crianças com deficiência, nesse momento, indagavam-se as práticas sociais e escolares perpetuadas pela segregação. O começo de normalização, que, não sendo específico da vida escolar, abrange um conjunto de manifestações e atividades humanas e todas as etapas da vida das pessoas, sejam elas afetadas ou não por alguma deficiência física, motora ou sensorial (MARCHI, 2019). Por meio da integração escolar, o aluno é introduzido em escolas e dispõe de um conjunto de possibilidades educacionais, que vai da inserção às salas de aula do ensino regular ao ensino em escolas especializadas.

O processo de integração ocorre dentro de uma estrutura educacional que oferece ao aluno a oportunidade de transitar no sistema escolar mesmo que essa oportunidade não seja um viés tão eficaz no processo educativo. "quando se fala de escola integrativa trata-se de uma escola em tudo semelhante a uma escola tradicional, em que os alunos com deficiência (os alunos com outros tipos de dificuldades eram ignorados) recebiam um tratamento especial". (RODRIGUES, 2003)

A integração escolar refere-se a um projeto de inserção parcial ou condicional, porque o sistema presume atividades educacionais segregadas. Sabe-se que os alunos que saem das escolas regulares para os serviços educacionais especializados dificilmente se deslocam para os menos segregados e, também raramente, retornam/ingressam às salas de aula do ensino regular. Nas situações de integração escolar, nem todos os alunos com deficiência cabem nas turmas de ensino regular, pois há uma seleção prévia dos que estão aptos a essa inserção.

> [...] integração escolar, cuja metáfora é o sistema de cascata, é uma forma condicional de inserção em que vai depender do aluno, ou seja, do nível de sua capacidade de adaptação às opções do sistema escolar, a sua integração, seja em uma sala regular, uma classe especial, ou mesmo em instituições especializadas. Trata-se de uma alternativa em que tudo se mantém, nada se questiona do esquema em vigor". (MANTOAN, 1997, p. 8).

O objetivo da integração é simplesmente inserir o aluno, ou um grupo de alunos, que já foi excluído anteriormente, visando preferencialmente às pessoas com deficiência para que essas se adaptem às necessidades dos modelos já existentes na sociedade (ESTRELA, 2022). Esses modelos, por sua vez, apresentam inconsistências na sua eficácia, a educação assim como a assistência médica de pessoas com deficiência não pode seguir uma receita pronta e acabada, cada indivíduo possui particularidades, características e ritmos diferentes.

O modelo integrador é utilizado quando se quer qualidade, em suma fragilizada, nas estruturas que atendem apenas as pessoas com deficiência consideradas aptas aos padrões sociais. "A sociedade em geral ficava de braços cruzados e aceitava receber os portadores de deficiência desde que eles fossem capazes de moldar-se aos tipos de serviços que ela lhes oferecia; isso acontecia inclusive na escola" (SASSAKI, 1997, p. 32).

Por outro lado, as escolas inclusivas sugerem um método de organização do processo educacional que leva em consideração as necessidades de todos os alunos e que é fomentado em função dessas necessidades. Nesse contexto, a inclusão gera uma mudança na expectativa educacional, pois não abrange apenas alunos com deficiência ou que apresentam dificuldades na aprendizagem, mas contempla a todos, o que, de maneira geral, facilitará o sucesso da ação educativa. A educação inclusiva enseja uma nova direção para o ensino ao propor a abolição completa das estruturas segregacionistas.

Segundo Rodrigues (2003):

> O conceito de Inclusão no âmbito específico da Educação implica, antes de mais, rejeitar por princípio a exclusão (presencial ou académica) de qualquer aluno da comunidade escolar. Para isso, a escola que pretende seguir uma política de Educação Inclusiva (EI), desenvolver políticas, culturas e práticas que valorizam o contributo activo de cada aluno para a construção de um conhecimento construído e partilhado e, dessa forma, atingir a qualidade académica e sociocultural sem discriminação.

A Educação Inclusiva vai muito além do simples acesso à escola. A inclusão escolar pressupõe que os alunos tenham a possibilidade e as condições de participarem plenamente das atividades escolares e possam se desenvolver integralmente. A escola é um ambiente de cuidado, feita para todos e deve favorecer a construção do conhecimento valorizando a autonomia e individualidade de cada um.

Fatores excludentes ainda são bem comuns no ambiente escolar, nesse sentido, a educação inclusiva deve direcionar ações que garantam também a permanência do aluno escola, já que fatores desse perfil são causas da evasão escolar. É preciso descontinuar o paradigma da

segregação, alimentado de ideologias preconceituosas, condutas baseadas no estereótipo não podem mais fazer parte do processo educacional, afinal, a escola foi criada para libertar e não para oprimir.

> A inclusão escolar é vista como um processo dinâmico e gradual, que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos, já que se pressupõe que essa integração/inclusão possibilite, por exemplo, a construção de processos linguísticos adequados, de aprendizado de conteúdos acadêmicos e de uso social da leitura e da escrita, sendo o professor responsável por mediar e incentivar a construção do conhecimento através da interação com ele e com os colegas (LACERDA, 2006, p.167).

A inclusão escolar propõe um conjunto de mecanismos que fortalecem, especialmente a adaptação do aluno na escola. Esses mecanismos devem dar suporte para que o educando seja capaz de participar dos acontecimentos do seu entorno, além do mais, a escola precisa está alicerçada a uma metodologia específica para o um público específico com um currículo mais diverso e mais próximo da realidade vivida em sala de aula, para que assim o fenômeno da aprendizagem e também da socialização se torne um objetivo real e efetivo.

A ESCOLA E A NOVA CONJUNTURA EDUCACIONAL INCLUSIVA

Democratizar o ensino como meio de inclusão é um dos primeiros passos do processo educativo. Ampliar horizontes, reconhecer valores, desenvolver habilidades e oportunizar a construção do conhecimento são eixos norteadores da escola da contemporaneidade. Essa nova escola precisa esta aberta às mudanças socioculturais da educação do futuro, reordenando suas ações e também suas propostas pedagógicas, visando uma didática mais direcionada e transversal objetivando o sucesso do aluno e também da escola.

Segundo Morin (2011, p. 49-50):

> Cabe à educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade, e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno.

A educação inclusiva precisa acolher os educandos no ambiente escolar não apenas para inseri-los no processo pedagógico, mas para que estes se sintam pertencentes aquele espaço de aprendizagem como os verdadeiros protagonistas desse processo. A escola precisa acrescer do seu papel de instituição formadora educacional para fomentar seu papel social diante de uma demanda ainda mais diversa e plural, enxergando as características individuais e coletivas como base para a construção do seu projeto político pedagógico.

É preciso reconhecer que o público de ontem, não é o mesmo de hoje e nem será o de amanhã, a sociedade muda conforme o tempo passa e a escola deve se adaptar a essas mudanças e conduzir sua metodologia a fim de contribuir para a construção de cidadãos mais politizados capazes de mudar sua realidade e a realidade do mundo em vive. O ensino da escola inclusiva deve está pautado na troca de conhecimentos e na liberdade do aluno poder aprender com o diferente, a inclusão colabora com a melhoria desse ensino, pois assegura que a educação seja vista com outros olhos e sob uma nova perspectiva da didática a ser aplicada.

Conforme Brasil (1994, p.3):

> Todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem incluir crianças deficientes ou superdotadas, crianças de rua e que trabalham crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos em desvantagem ou marginalizadas.

A escola deve está preparada para receber todos os alunos, independentemente de suas particularidades físicas ou mentais. Nenhum aluno pode ficar sem ir escola, ficar sem educação formal, a escola é construída para os alunos, por isso, ela precisa de uma revitalização, precisa em suma, se contrapor ao paradigma da exclusão. Paradigma que vive mascarado pelo discurso de um modo de inclusão, que foge do seu real sentido, que aceita o aluno em sala de aula, mas, nada faz para seu desenvolvimento como sujeito do processo educativo.

A escola deve também contribuir para o desenvolvimento das habilidades sócio emocionais dos alunos, sobremodo, para o desenvolvimento de sua autonomia e de sua visão crítica das coisas diante de um meio social cada vez mais competitivo e desigual, despertando para o respeito ao outro e a suas escolhas, promovendo um diálogo para viabilizar uma cooperação mútua e pacífica.

> A função da escola é proporcionar um conjunto de práticas preestabelecidas tem o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem de conteúdos sociais e culturais de maneira crítica e construtiva. Esta função socializadora nos remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural. (FREIRE, 2000. p. 132)

Nesse contexto, a escola como espaço para o desenvolvimento integral do sujeito, deve primar por estratégias e atitudes mais dinâmicas e mais dialógicas, buscando sensibilizar o outro para o outro, contemplando a autossatisfação e o prazer em pertencer e participar ativamente do ambiente de aprendizagem e fazer parte da mudança da sua condição social de forma crítica e construtivista.

A intervenção pedagógica é uma ação reparadora do processo de ensino/aprendizagem, quando o professor percebe alguma dificuldade nos alunos e também quando a metodologia usada não está atendendo a solução dessas dificuldades. Com outras palavras, é uma estratégia para aplicar iniciativas com o objetivo de ultrapassar as barreiras na construção do saber.

Para Pimenta (2002, p. 131-132)

> O trabalho docente com portadores de necessidades educativas especiais na contemporaneidade deve combinar estes dois aspectos, o profissional e o intelectual, e para isso se impõe o desenvolvimento da capacidade de reelaborar conhecimentos. Desta maneira, durante a formação inicial, outras competências precisam ser trabalhadas como elaboração, a definição, a reinterpretação de currículos e programas que propiciem a profissionalização, valorização e identificação docente.

O papel do educador na escola inclusiva é de ser, mediador no processo de aprendizagem e facilitador no desenvolvimento de seus alunos através do planejamento contínuo e de práticas pedagógicas associadas a realidade social. A formação continuada deve está fundamentada na ideia de inclusão. Ela deve refletir a concepção de novos saberes, analisar a rotina escolar e buscar por meio de métodos e movimentos mudar o que não é eficaz na construção do aprendizado. O papel do professor é também o de aprimorar sua didática perante as diferenças e particularidades de seus alunos, abstendo-se da visão conservadora e tradicional do ensino, focando na inclusão como critério para uma nova e intencional abordagem a fim de firmar a participação de todos no processo educativo.

A elaboração de um currículo coletivo e mais flexível que atenda da melhor maneira os interesses e necessidades dos alunos é via necessária à escola, favorecendo a sua clientela meios para que possam evoluir mesmo que de forma gradativa. A aprendizagem é, sobretudo, o sucesso do aluno e a escola em suas ações pedagógicas bem como o processo avaliativo deve levar em consideração as limitações do educando, deve propiciar as novas gerações caminhos

que os tornem capazes de chegarem a esse sucesso, logo a acolhida do aluno no espaço escolar precisa gerar confiança e auto realização, afinal a escola visa à libertação e o crescimento holístico do sujeito preparando-o para a vida em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A materialização da educação inclusiva só será efetivada com a participação ativa e a dinamicidade de ideias dos sujeitos envolvidos. A inclusão deve ser um caminho seguido por todas as escolas, afinal, não existe educação com pessoas deixadas a margem do processo. A aprendizagem, bem como, o desenvolvimento do individuo de maneira integral, para serem alcançados precisam que todos os seus agentes estejam incluídos e possam a sua maneira se expressar sem repressão e nem recusa de seus posicionamentos.

O corpo escolar deve está imbuído do desejo de coibir toda e qualquer forma de discriminação. A escola não pode perpetuar e nem reproduzir em seu espaço conceitos preconceituosos impostos pela sociedade. É preciso reorganizar a prática metodológica do ensino, o currículo precisa ser reformulado, métodos prontos e acabados não fazem sentido diante de um público cada vez mais diverso, que aprende a seu tempo e de maneiras distintas. Mudanças mais concretas e mais constantes são urgentes e necessárias e serão atingidas com a coparticipação da sociedade, da família e do Estado, esse último, ainda falha na criação de políticas públicas que favoreçam uma escola inclusiva. Isso por falta do interesse politico e da falta da pressão popular.

Criar uma escola inclusiva é fazê-la reflexo do respeito à diversidade cultural, étnica e social de seus educandos. E para a construção dessa escola, é preciso tratar diferente os diferentes nas suas diferenças, é preciso equilibrar as condições de oportunidades, é preciso enxergar as limitações sem dar continuidade às práticas integracionistas veladas de um falso zelo e cuidado. Nessa perspectiva, a escola precisa atuar com o intuito de garantir a todos os indivíduos o acesso a uma educação inclusiva e de qualidade, construindo cidadãos mais conscientes e socialmente aceitos capazes de intervir criticamente na sua esfera social.

REFERÊNCIAS

BLANCO, R. **Aprendendo na diversidade: Implicações educativas**. Foz do Iguaçu: 2003.

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem**. Educação inclusiva. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

DEMO, Pedro. **Politica Social, educação e cidadania.** 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

ESTRELA, Thiago Aires. **O direito fundamental à educação: o ensino especial**. Dissertação de Mestrado. Departamento de direito mestrado em direito especialidade em ciências jurídicas universidade autónoma de lisboa "luís de camões" Lisboa – Portugal. 2022. 135p.

FREIRE, Paulo. **Educação como pratica da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

KUPFER, MC, organizador. **Tratamento e escolarização de crianças com distúrbios globais de desenvolvimento.** Salvador: Ágalma, 2000.

LACERDA, C. B. F. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência.** Cadernos cedes, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006.

MANTOAN, M. T. E. (1997) **A Inclusão Escolar de Deficientes Mentais: contribuições para o Debate.** In. Revista Integração, Brasília, ano 7, n. 19.

MARCHI, SANDRA REGINA. **Design Universal de Código de Cores Tátil: Contribuição de Acessibilidade para Pessoas com Deficiência Visual.** Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Engenharia Mecânica)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba.. 2019.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez: Brasília, UNESCO, 2011.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação**. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972/2007.

PIMENTA, S.; ANASTASIOU, L. **Docência na Educação Superior**. São Paulo: Cortez, 2002

RODRIGUES, D. **Educação Inclusiva: as boas e as más notícias**. In: RODRIGUES, David (org.). Perspectivas sobre a inclusão; da educação à sociedade. Porto: Porto, 2003.

SASSAKI, R. K. **Inclusão construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

VAYER, Pierre. **A integração da criança deficiente na classe**. São Paulo: Manole, 1989.

SHAYWITZ, Sally; SHAYWITZ, Jonathan. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Penso Editora, 2023. 67p.